

# Público Verão P2

Quando a praia de Pedrouços era uma “secretaria de Estado ao ar livre”

P5

PAULO PIMENTA



**Latoaria** Da chapa zincada ao cobre. “Por vezes executo peças que até a mim me surpreendem” P2a4

# O fiel funileiro

Filho e neto de funileiro, até pegar na arte da latoaria José Vieira não tinha consciência das coisas incríveis que seria capaz de fazer a partir de uma folha de chapa. Felizmente, descobriu-se a tempo

Por **Madalena Galamba** texto  
**Paulo Pimenta** fotografia

O funileiro não sabia que sabia. Mas sabia. Se sabia. Passava horas na oficina do avô – que depois passou para o pai – entre latas, baldes e regadores, funis e folha-de-flandres, tesouras, bilhas de azeite, cântaros de vinho e de água, canecos e alicates, martelos e tornos, candeias e lamparinas.

Tudo brilhante, tudo reluzindo, tudo criado com precisão geométrica e amoroso cuidado a partir de finíssimas folhas de metal, recortadas usando moldes cuja origem se perde no tempo. Naquele tempo, José Vieira não sabia que para fazer um regador de chapa são precisas nada menos que 17 peças diferentes, cada uma recortada ao milímetro, curvada, soldada, cravada, recravada, do

corpo à pega, da pega ao cano, e que não verta, sobretudo que não verta, se não lá se vai o trabalho de uma hora literalmente por água abaixo.

O pai mandava-o lavar as obras terminadas, verificar se o regador vertia (consoante a função da peça, se leva líquido ou não, é preciso assegurar que não deixa passar nada), quando tudo o que ele queria era “encontrar o ferro solto” e pôr-se a soldar, como faziam os adultos. Ver chegar a cavilha da forja e derreter o metal para juntar as peças. Mas para isso era preciso que o lugar ficasse vago, e na altura havia vários empregados a trabalhar na fábrica, uma azáfama metalizada, que os tempos eram outros, a procura era farta, e não havia plástico que valesse para suprir as necessidades da vida do campo.

Depois da escola, depois dos toques na bola, o rapaz sentava-se à



Em 2012 o funileiro, como gosta de ser apresentado, foi um dos artesãos seleccionados para o projecto *Editoria: design, artesanato e indústria*, lançado no âmbito de Guimarães Capital Europeia da Cultura



*Para fazer um regador de chapa são precisas 17 peças diferentes, cada uma recortada ao milímetro, curvada, soldada, cravada, recravada, do corpo à pega, da pega ao cano, e que não verta, sobretudo que não verta*

*“O maior desafio é o maçarico”*

porta da oficina, na Rua Bons Ares, mesmo no centro de São Torcato, vila de romarias a sete quilómetros de Guimarães, e ficava a desenhar o que visse. Por exemplo, um camião que ali descarregasse mercadoria, daqueles com caixa de madeira, como era costume na época.

Aos 58 anos, José Vieira continua a desenhar praticamente todos os dias. Porque gosta, e embora já não faça disso profissão – foi desenhador têxtil em CAD antes de decidir abraçar a tradição familiar e tornar-se funileiro a tempo inteiro – não perdeu nem o ânimo nem o engenho. Para as peças de latoaria que fabrica na sua oficina, geralmente não precisa de desenho. Está tudo na cabeça, dá-lhes a forma pretendida seguindo os passos transmitidos pelo pai e pelo avô, ou deixando fluir a imaginação, dançar os dedos, para que desse encontro prodigioso

entre cérebro e mão saia magia.

Quando trabalha em encomendas, coisa que acontece muitas vezes, é diferente. Aí o ponto de partida é sempre um esquisso, que pede ao designer, para perceber o que lhe vai na cabeça. A partir daí trabalha-se. Afina-se. Acerta-se a escala. Escolhe-se o acabamento.

### Dupla Assinatura

No início do ano, José Vieira foi um dos artesãos convidados pela Michelangelo Foundation para colaborar no projecto Doppia Firma, que juntou designers e artesãos num diálogo criativo para celebrar e preservar o melhor trabalho artesanal de Itália, França e Portugal e fortalecer a ligação com o design. O convite foi uma honra e uma fonte de ansiedade. Era preciso terminar as peças a tempo da Semana do Design de Milão, em

Abril, e os prazos adiantaram-se. “Tive a felicidade de trabalhar com um designer que foi cinco estrelas, o Christian Haas, e a sua equipa de colaboradores, o Ruben e a Sónia, que foram maravilhosos, com um trato simples e cordato, exemplares em cada etapa do processo.” A partir do desenho de Haas, designer alemão que escolheu o Porto para viver e trabalhar, José Vieira fez três mesas multifacetadas de tamanhos diferentes. O designer tinha-as imaginado em chapa polida. José Vieira adivinhou que seriam “demasiado baças, não iriam ter vida” e sugeriu um material mais nobre, o latão. Depois de polido, o efeito é espectacular.

Na exposição de Abril, numa belíssima Villa milanesa, as peças com dupla assinatura, Haas-Vieira, refulgiam como ouro. “Neste projecto entra o ‘saber fazer’ do artesão e o talento do designer,” explica José

Vieira “O designer é a pedra basilar de cada produto. A Doppia Firma vem fazer essa mescla entre o artesão, a sua vivência, e o designer. Por isso costume dizer que comprar artesanato é comprar arte.”

Não foi a primeira vez que José Vieira participou num projecto com estas características. Em 2012 o funileiro, como gosta de ser apresentado, foi um dos artesãos seleccionados para o projecto *Editoria: design, artesanato e indústria*, lançado no âmbito de Guimarães Capital Europeia da Cultura. Com co-curadoria de Isabel Abreu e Alejandra Jaña, o projecto propunha um diálogo entre designers e artesãos através da criação de peças capazes de manter vivo o saber fazer dos ofícios de sempre, trazendo-o para a contemporaneidade. José Vieira colaborou com os designers Luís Urculo, com o candeeiro Lata/Luz, e Sam Baron, que descontruiu, com subtil elegância, os tradicionais artefactos de latoaria, deslocando as asas para posições inesperadas, transformando o útil em belo e o belo em útil.

José Vieira guarda com especial carinho as peças que executou para a exposição. Estão na parte superior da oficina, ao lado de outras obras que muito estima, como uma forma para pudim com uma Cruz de Cristo, desenho original do avô, um exemplo fabuloso da fusão entre arte e engenho. “Independentemente da arte que seja, temos que pôr gosto naquilo que fazemos. Costumo dizer que a peça que mais prazer me dá fazer é a próxima”, conclui.

Mas haverá uma próxima? Enquanto José Vieira, e outros como ele, cá estiverem, sim. Depois se verá. Para Isabel Abreu, tão importante quanto “promover, identificar e valorizar o património artesanal incrível do nosso país”, tarefa à qual se entrega com paixão, é educar. Mostrar os processos. “As pessoas não têm noção do trabalho que dá. Isto começa nas escolas, que têm de estar sensibilizadas para isso. Eu tive a minha infância no campo. Senti essa proximidade. O artesanal, o artesanato, o saber fazer, correm aqui. Agora, como pessoa da cidade, gosto de transmitir isso a outros. É uma maneira de manter vivo este património.”

O funileiro não tem filhos. Não vai passar a arte a ninguém. E isso não o aflige? “Não. Por uma razão muito simples: quando eu não estiver cá, é-me indiferente. Eu adoro fazer, mas não acredito que haja muita gente interessada nesta arte. Não teria problema nenhum em ensinar alguém. Já tenho dado muito do meu tempo a isso. Mas a pessoa tem de trazer gosto por fazer.”

Indissociável de cada peça de artesanato é o seu lugar de origem. É essa teia onde se cruza um lugar, uma história, uma identidade, →

## guia



### Onde Ficar

Uma referência absoluta, a Pousada Santa Marinha, ou Pousada Mosteiro Guimarães, fica num antigo mosteiro dominicano do séc. XII, mandado construir por D. Mafalda, primeira rainha de Portugal. A isto se chama dormir no berço da nação, com vistas incríveis sobre Guimarães.



### O que provar

O Restaurante Florêncio, em Guimarães, é uma instituição, célebre pelos pratos em forno a lenha e a comida de tacho. Não deixe de provar o bucho recheado com carne, premiado em vários concursos gastronómicos, e guarde algum espaço para as sobremesas verdadeiras, como o leite-creme ou o pudim Abade de Priscos. Se a ideia for picar algo mais leve, a Cervejaria Martins, no centro de Guimarães, é um ponto de paragem obrigatório.

### Restaurante Florêncio

Rua Nossa Senhora Madre de Deus, Madre de Deus, Guimarães, 253415820

### Cervejaria Martins

Largo do Toural, 35, Guimarães, 253416330



### Vale a pena ver

A Funilaria Vieira, em São Torcato, está aberta ao público e merece uma visita. A 7km de São Torcato, espera-o Guimarães, com o seu magnífico centro histórico, Património Mundial desde 2001, o Paço dos Duques de Bragança e a Igreja e Convento de São Francisco.



# Artesãos



uma pessoa, que se encontra condensada, metonimicamente, num objecto feito à mão, e que cada artefacto evoca e traz ao presente.

A oficina de José Vieira é um lugar especial. Como todas as oficinas de artesão, provavelmente, mas esta em particular. Tem camadas e camadas de história. Milhares de objectos das mais variadas origens, acumulados ao longo dos anos por pai e filho (a funilaria é centenária, mas está instalada naquele local há meio século) que formam uma paisagem deliberadamente improvisada, sem curadoria, o que lhe presta toda a graça, evidentemente. Percorrendo as prateleiras, o chão, as paredes, pintadas num azul intenso, nocturno, é possível distinguir um Santo António com o menino ao ombro, um Buda risonho de braços no ar e várias figuras de presépio, todas feitas com verdadeira devoção por José Vieira, apesar de o artesão não ser religioso. Também existem livros cobertos de pó, um emblema do Sporting, um coração de Viana tamanho XXL, uma lâmpada, elmos e capacetes, uma lamparina apetrechada com um vidro olho de boi, algumas peças de olaria, e até uma figurinha do Snoopy. É um mundo. Lá fora, o mundo.

“Estudar, estudei, mas perdi-me um bocadinho no percurso”, conta José Vieira. Não o diz arrependido – “sempre fui um bocadinho desca-

rado” – há até um certo orgulho nesse passado de artista. José Vieira termina quase todas as frases com um sorriso. O sorriso brilha como as latas. É aberto e sedutor. Um misto de convicção profunda e amigável persuasão. “Para além de ser filho e neto de funileiro, eu não sabia se teria jeito para a arte. Mas aconteceu. Por vezes executo peças que até a mim me surpreendem”, precisa.

## Rigor e fluidez

O avô de José Vieira viveu 93 anos. Até aos 90, ainda ia à loja. O pai, António, tem 89 anos e já está reformado, mas ainda pega na arte por amor. José Vieira não sabe até quando vai manter viva a arte. Não parece muito preocupado com o assunto.

Os tempos mudaram. Antigamente, as peças eram feitas em folha-de-flandres, mais fina, perfeita para picotar. Hoje 90% são feitas em chapa zincada, ou chapa galvanizada lisa, mais ferrosa e mais barata também.

Alguns objectos são feitos em latão, até chegar ao cobre, “o material mais nobre que a gente tem”. As técnicas, no entanto, mantêm-se praticamente inalteradas. Os moldes são os mesmos que o avô e o pai de José Vieira usavam nos primórdios da Funilaria Vieira de São Torcato. As ferramentas de trabalho também, a começar pela bigorna,

*A partir do desenho de Christian Haas José Vieira fez três mesas multifacetadas (em baixo), a tempo da Semana do Design de Milão*



co, dão mais consistência e solidez à peça. E ainda os pequenos furos por onde sai a água, feitos por punção, seguindo um padrão concêntrico que José Vieira tem na cabeça e que não sabe como explicar, apenas fazer. “Quando estou a fazer furos aquilo é tão fácil para mim que nem estou ali.” Quando faz um picotado, numa peça de folha-de-flandres que depois se transforma em candeeiro ou lamparina, deixando passar a luz pelos orifícios, o artesão segue de novo o instinto. Inspira-se nos bordados de Guimarães, elabora um desenho simétrico. Tudo tem um sentido, é preciso é deixar-se levar. Entre moldes com forma de meia lua, circunferências e cilindros, o trabalho da lata está algures entre o rigor geométrico e a fluidez criativa.

## Porta aberta

Depois de terminado, o regador de José Vieira custa 12,50 euros. Um preço incapaz de concorrer com o plástico, mesmo nos tempos teoricamente mais conscientes que vivemos. “Sejamos realistas e verdadeiros,” diz José Vieira “O plástico veio dar na cabeça a este material. Hoje começa a haver uma certa consciência, o arrumar da palhinha, do copo descartável. Mas eu não estou a vê-la a beber por um caneco...”. É possível. Mas não dizem que é mais fresca a água num caneco de lata?

É possível, até, que se assista a uma inversão. Os tempos são outros como antes foram outros tempos. José Vieira andava a estudar na Escola Industrial, e terminando ia para o Mercado de Guimarães onde o avô e padrinho, José Vieira de seu nome, tinha uma loja onde vendia os seus produtos e outros também. Ajudava o avô (que não sabia ler nem escrever, mas fazia contas de cabeça) a marcar os preços. Naquela altura, vendiam-se muitas ferramentas de chapa para o trabalho agrícola. Por exemplo, aparelhos para sulfatar. As peças eram lavadas e areadas, o zinco ficava a brilhar. Depois começou a invasão do plástico. O avô teve de se adaptar. “Hoje em dia, aos poucos, vai-se recuperando. Há uma certa procura, em certos artigos, principalmente por parte de uma classe de pessoas que antes não ligavam a isto.”

Vende os seus produtos a revendedores que lhe garantem o escoamento. Já não faz feiras de artesanato. A sua é uma oficina de porta aberta e quem quiser pode entrar, ver e comprar. Há movimento. Entradas e saídas. Alguém que pede ajuda num restauro. Alguém que vem buscar um expositor, que parece um bolo de noiva de metal. Alguém que terá de passar mais logo. O fiel funileiro, que até começou tarde, continua a trabalhar, que quem corre por gosto não cansa.

espitada num tronco de madeira, onde ainda hoje José Vieira encurva a chapa e faz a junção das partes que compõem cada peça, embora existam já na oficina outros instrumentos mais modernos para o fazer.

Para soldar as peças, antigamente usava-se uma cavilha de cobre, aquecida na forja, que se ia substituindo à medida que o trabalho corria. Hoje usa-se um maçarico, alimentado a gás industrial. A perícia exigida é a mesma. “O maior desafio é o maçarico” explica o artesão, enquanto solda as peças sem hesitações, usando uma mistura de estanho com chumbo, numa linha suave e contínua. Ali não há pontos desunidos, como na trôpega soldadura industrial. Não há pontas soltas.

José Vieira pega num regador de chapa fabricado na China e mostra as diferenças. Os acabamentos, os desencontros, a própria solidez da peça. Um olho destreinado, desatenção, provavelmente não perceberá as diferenças, que, sendo detalhes, são gigantes. Por exemplo, o “enchumaço” que coloca dentro da pega, para a encher e evitar que magoe a mão ao pegar no regador cheio. Por exemplo, as “travessas” que ajudam a sustentar a pega e o cano, fortalecendo a soldadura, dando robustez ao conjunto. Por exemplo, os frisos na superfície da chapa, que para além do lado estético

# A praia de Pedrouços era uma secretaria de Estado ao ar livre

Era a Pedrouços que a burguesia ia para mergulhar no mar e apanhar sol. Uma praia que já não existe mas que, no século passado, foi visitada e admirada por boa parte da população lisboeta

**Carolina Alves**

“É a mansão oficial da vilegiatura burocrática de Lisboa. Chefes de secretaria, oficiais, amanuenses, tabeliães, guarda-livros, caixeiros de escritório, escrivães, retemperam anualmente em Pedrouços a sua pá-lida e sedentária fibra plumitativa. Por isso, Pedrouços, a uma légua de Lisboa, tem um pouco o aspecto de uma secretaria do Estado – ao ar livre.” Era assim que Ramalho Ortigão descrevia, em 1876, no livro *As Praias de Portugal*, a praia de Pedrouços. O tempo passou por ela e gradualmente a foi fazendo desaparecer, transformando o pouco que restou em vários lugares diferentes. Hoje já poucos se lembram dela, e poucos são também os que visitam as praias que lhe ocuparam o espaço – a mais próxima é a de Algés.

Entre Lisboa e Oeiras vivia uma praia “lisa, plana, de areia fina”. O mar brando e tranquilo era, na opinião de Ramalho Ortigão, “o melhor dos banhos” mesmo para quem não sabia nadar. A zona urbana envolvente condizia com quem visitava a praia: “Os prédios à beira da estrada, que atravessa a população e constitui a sua rua principal, são graves, sérios, aprumados, e olham uns para os outros pacatamente, como quem se prepara para jogar o *whist* ou para resolver a questão da fazenda.”

Era assim um lugar atractivo para banhistas, com quintas e casas nobres e visitas de grandes personalidades portuguesas – como Almeida Garrett, o duque de Cadaval e até Fontes Pereira de Melo. “Havia

em Pedrouços a enorme e suntuosa quinta dos duques de Cadaval, abrindo arvoredos e alongando sombras em torno do palácio armoriado e esplendoroso. Quinta tão vasta, nos começos do século XIX, que ocupava quasi todo o espaço em que hoje em dia assentam os arruamentos e o casario”, contam Branca de Gonta Colaço e Maria Archer em *Memórias da Linha de Cascais*.

Mas a vida de Pedrouços, e principalmente o carácter mais burguês, cedo se foram extinguindo. Em 1943, quando foi publicado *Memórias da Linha de Cascais*, já a praia era pequena e menos frequentada. “Qual é o viajante da linha de Cascais que evoca, à vista do que é actualmente Pedrouços, que o sítio

*“Qual é o viajante da linha de Cascais que evoca, à vista do que é actualmente Pedrouços, que o sítio foi uma praia de luxo?”*

foi uma praia de luxo, que a povoação teve nomeada, que houve por ali palácios de grande nobreza?”, perguntam as autoras. Se no final do século XIX Pedrouços era a praia do momento para a elite mais rica da cidade de Lisboa, agora, na primeira metade do século XX, transforma-se no oposto.

O seu sucesso perante as elites traz consigo o interesse das classes mais baixas, transformando a praia de Pedrouços num espaço “interclassista”. “A aproximação desagrudou ao grupo de aristocratas que usufruía da praia. Esse grupo não mais voltou a Pedrouços e instalou o seu veraneio noutras chanfraduras do Tejo, em especial Paço de Arcos”, lê-se no livro de Gonta Colaço e Maria Archer. O desenvolvimento dos transportes públicos, em geral, contribuiu em larga escala para a “fuga” das elites para Cascais e Estoril, levando as classes mais baixas a segui-las.

Alexandra de Carvalho Antunes, historiadora e investigadora, explica ao PÚBLICO que vários foram os factores que contribuíram para a “democratização” das praias na linha de Cascais, com o conseqüente abandono de muitas delas.

Pedrouços, em especial, começa a perder o interesse no início do século XX. A construção da linha férrea na zona, que é inaugurada em 1940, cortou vários dos acessos à praia, com os desvios provocados e a construção de aterros. As demolições necessárias a essa construção, do mesmo modo, contribuíram para a deterioração do espaço, tornando-o cada vez menos apelativo ao público.

A população foi-se movimentando cada vez mais na direcção de Cascais, deixando as praias mais perto de Lisboa ao abandono. Com a Exposição do Mundo Português, que também foi inaugurada em 1940, a juntar ao desinteresse das facções mais ricas da sociedade – com o conseqüente seguimento de todas as outras – foi desaparecendo a “secretaria do Estado ao ar livre” e o interesse no troço entre Belém e Oeiras. **Texto editado por Helena Pereira**



DR/CORTESIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

Entre Lisboa e Oeiras vivia uma praia “lisa, plana, de areia fina”, nas palavras de Ramalho Ortigão. Na foto, o areal de Algés

## Pessoas



### Jason Momoa em protesto no Havai

A estrela de *Aquaman*, Jason Momoa, juntou-se aos manifestantes que tentam impedir a construção de um telescópio gigante na montanha mais alta do Havai. Os habitantes acreditam que é sagrada.

### Gucci cria cargo em nome da diversidade e inclusão

A norte-americana Renée Tirado foi escolhida para assumir a chefia a nível mundial da diversidade, igualdade e inclusão da Gucci. Esta é a resposta da marca às críticas de que tem sido alvo.

Por **Teresa David**

Ana.David@publico.pt

## Naomi Campbell acusa hotel de racismo

Em entrevista à revista *Paris Match*, Naomi Campbell disse que foi impedida de entrar num hotel no Sul de França por causa da cor da sua pele. O acontecimento teve lugar este ano, em Maio, durante o Festival de Cannes. Segundo a mesma, o funcionário à entrada terá explicado que o hotel já se encontrava cheio. Contudo, outras pessoas entraram depois. “Ele não quis deixar-nos entrar por causa da minha cor de pele”, afirmou. A supermodelo confessou ainda que situações como esta a motivam a continuar a expressar-se e a fazer-se ouvir e deixou uma mensagem para as modelos mais jovens: “Não deixem que ninguém subestime o vosso valor. Sejam fortes e valentes neste trabalho, rodeiem-se da vossa família e tenham um bom agente.”



## 2 filhos

Preocupados com impacto que temos no planeta, os duques de Sussex planeiam ter apenas, e “no máximo”, dois filhos.



### O que diz Kristen Stewart sobre Karl Lagerfeld

A atriz da saga *Crepúsculo* revela, em entrevista à *Vanity Fair* de Agosto, que o criador da Chanel era uma pessoa terna. Em 2013, Stewart foi escolhida por Lagerfeld como embaixadora da *maison* francesa.



### Ariana Grande conheceu o seu ídolo

A cantora Ariana Grande partilhou nas redes sociais o momento em que conheceu Jim Carrey — a “experiência mais especial” da sua vida. O encontro aconteceu durante uma pequena participação que fez na série de televisão *Kidding*, na qual Carrey é protagonista.

## CRUZADAS 10.693

**Horizontais:** **1.** Fui para cima. Queimado. **2.** Ferramenta formada por duas barras ou peças de ferro ou aço, que se cruzam e movem em torno de um eixo comum. Aqui está. **3.** Planta faseolácea, espinhosa, de flores amarelas. Engana-se. **4.** Prefixo (afastamento). Nome dado às letras dos mais antigos alfabetos germânicos e escandinavos. Antes de Cristo (abrev.). **5.** Um certo. Planta da família das Amarilidáceas, de fibra têxtil. **6.** As quatro operações aritméticas elementares. A unidade. **7.** Interjeição (espanto). Orçamento do Estado. Calcular a olho. **8.** Vassourar o forno, depois de aquecido. Moca. **9.** Destruído. Idem (abrev.). **10.** Um prazer de quem gosta de livros. Estender. **11.** Molusco gastrópode. Estrado em que se coloca o fêretro.

guês que passa por São João da Madeira e desagua na Ria de Aveiro. Grau académico obtido em diversas faculdades depois do 3º ano. **3.** Dígito binário. Variante do pronome "o". Nome da letra R. **4.** Líquido pestilencial que escorre de certas úlceras ou abscessos. Esposa do filho. **5.** Liquidação de contas. O tio dos americanos. **6.** Relaxamento, fraqueza. Abertura num fruto para ver se está maduro. **7.** Preposição que designa posse. Limpo. **8.** Agência Espacial Europeia. Bolo pequeno, doce ou salgado, geralmente servido com manteiga ou compota. **9.** Ente. Fogueira. Símbolo de gauss (Física). **10.** Filete. Palermo (popular). **11.** Cidade localizada na área central da ilha do Japão. Segunda cava das vinhas, para limpar a terra da erva.

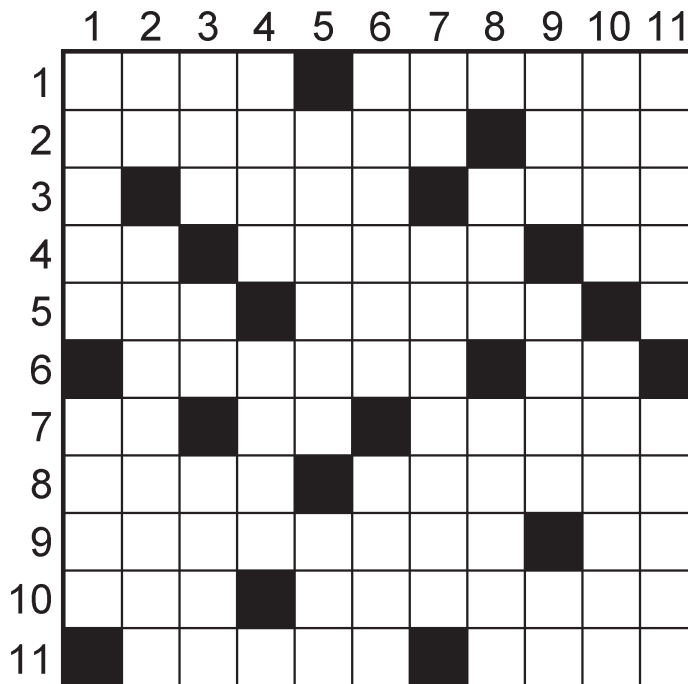
**Depois do problema resolvido encontre o título de um filme com Nicolas Cage (4 palavras).**

**Verticais:** **1.** Descanso religioso no sétimo dia da semana. Verbal. **2.** Rio portu-

### Solução do problema anterior

**Horizontais:** **1.** Um. AGOSTO. **2.** Seara. Eivar. **3.** Aedo. Ut. OIT. **4.** Anel. Oo. **5.** VINDIMAR. **6.** Airão. Broto. **7.** Dg. Orar. Lux. **8.** Ais. Atou. Ni. **9.** Raer. Nada. **10.** DEBULHAR. **11.** Aveia. Parar. **Verticais:** **1.** Usar. Adarga. **2.** MEE. Vigia. **3.** Advir. Sede. **4.** Aro. Não. Rei. **5.** Ga. Adora. Ba. **6.** Uni. Ateu. **7.** SETEMBRO. LP. **8.** Ti. Lar. Unha. **9.** Ovo. Rol. Aar. **10.** Aio. Tundra. **11.** Ortodoxia.

**Provérbio:** Agosto, debulhar, Setembro, vindimar



## BRIDGE

**Dador:** Norte  
**Vul:** EO

**NORTE**  
♠ 853  
♥ A83  
♦ KQ52  
♣ KQ3

**OESTE**  
♠ ?  
♥ QJ102  
♦ J1094  
♣ 9652

**ESTE**  
♠ ???  
♥ K9765  
♦ 76  
♣ J108

**SUL**  
♠ KJ10742  
♥ 4  
♦ A83  
♣ A74

<b>Oeste</b>	<b>Norte</b>	<b>Este</b>	<b>Sul</b>
passo	1♦	passo	1♠
Todos passam	1ST	passo	4♠

**Leilão:** Torneio de pares.

**Carteiro: Saída:** ♠♥. Não estranhe os pontos de interrogação nas espadas que faltam nas mãos de Este e Oeste, pois o problema reside precisamente aí: qual a forma correcta de jogar o naipe de trunfo?

**Solução:** O contrato não está em perigo, a ideia é a de maximizar o número de vazas por se encontrar num torneio de pares, onde as vazas a mais são cruciais. Depois de fazer o Ás de copas do morto, joga um trunfo do morto e Este assiste com um pequeno trunfo. Qual a carta correcta a jogar da sua mão, o Rei ou o Valete (ou 10)?

Não tendo mais nenhuma pista para o ajudar, isto é pura matemática. Se as espadas da defesa estiverem distribuídas 2-2 com

as figuras divididas, a probabilidade de Oeste ter o Ás ou a Dama é precisamente de 50%, e, nessa altura, tanto faz a opção que tome. E se o naipe estiver dividido 3-1, tendo Este três cartas?

Jogar o Rei só será vantajoso se Oeste tiver especificamente a Dama seca. Mas se Oeste tiver o Ás singleton, ou uma pequena carta seca, ou mesmo uma chicana, jogar o Rei conduzirá a duas perdes.

Se, em vez do Rei, jogar o Valete, de pouco importa se Oeste faz a vaza com o Ás, ou se assiste com um trunfo pequeno, ou até mesmo se não assistir: poderá sempre voltar ao morto e repetir a passagem a espadas. Sempre que Este tiver duas, três ou quatro cartas incluindo a Dama, jogar o Valete garantirá sempre uma só perdente a trunfo.

Jogar o Valete é três vezes melhor do que jogar o Rei!

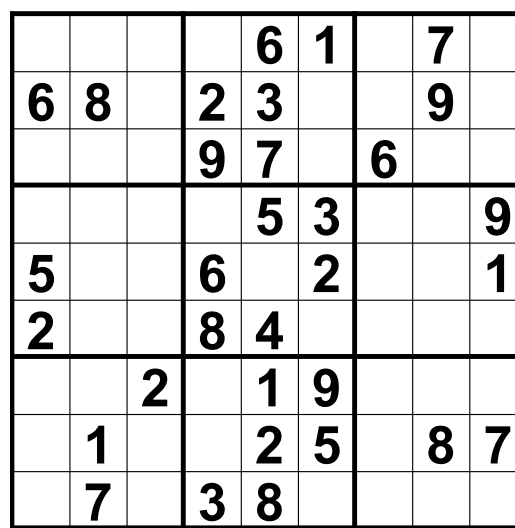
**Considere o seguinte leilão:**  
Oeste Norte Este Sul  
?

O que abriria com a seguinte mão, assumindo que ninguém está vulnerável?  
♠QJ6 ♥K76 ♦KJ76 ♣AJ7

**Resposta:** Abra em 1ST. Desta vez são 15 pontos pobrezinhos, sem cartas intermédias e com uma distribuição 4333. Todavia, as figuras estão bem acompanhadas, seria bem pior ter um Valete ou uma Dama sozinhos. Mas se optar por abrir num ouro, também terá a nossa simpatia.

João Fanha/Pedro Morbey  
(bridgepublico@gmail.com)

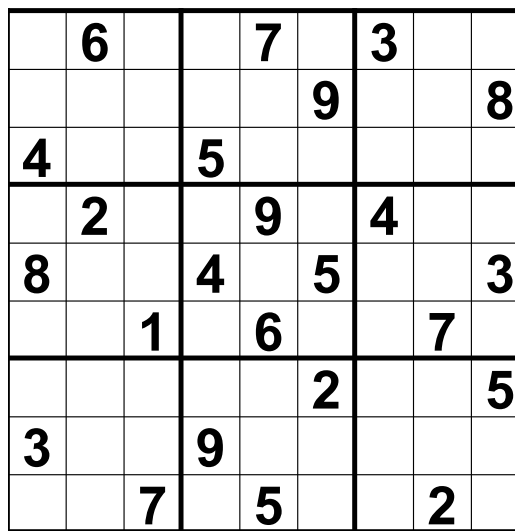
## SUDOKU



**Problema 9162**  
Dificuldade: Fácil

**Solução do problema 9160**

8	2	1	4	7	6	9	3	5
9	4	3	8	2	5	7	1	6
5	7	6	1	3	9	2	4	8
4	6	5	9	8	2	3	7	1
7	8	2	3	1	4	6	5	9
1	3	9	5	6	7	4	8	2
6	9	8	7	5	3	1	2	4
3	1	4	2	9	8	5	6	7
2	5	7	6	4	1	8	9	3



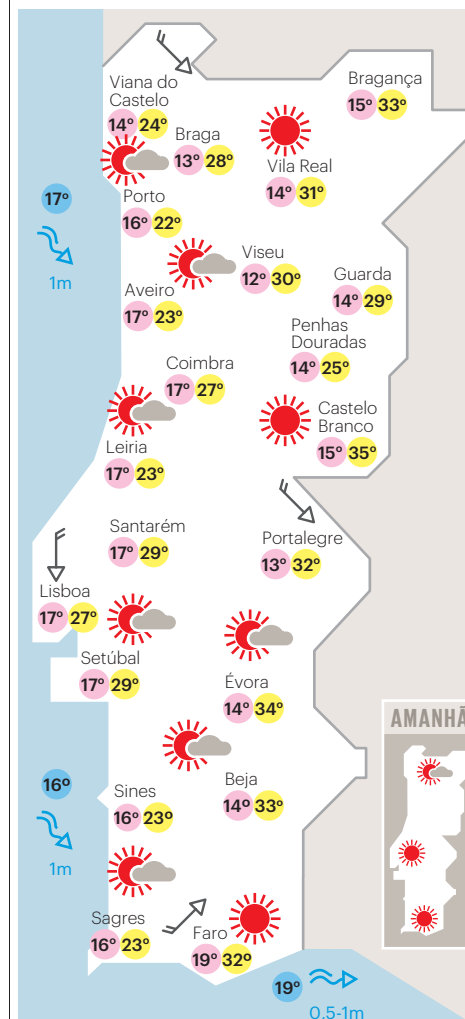
**Problema 9163**  
Dificuldade: Muito Difícil

**Solução do problema 9161**

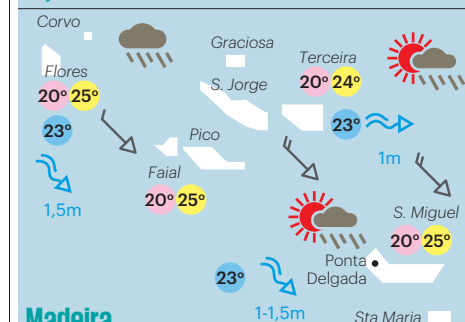
5	3	4	9	1	7	8	6	2
6	7	9	8	5	2	3	4	1
1	2	8	4	3	6	9	7	5
3	9	7	2	6	4	5	1	8
2	5	6	1	8	3	7	9	4
4	8	1	7	9	5	6	2	3
8	4	2	3	7	9	1	5	6
7	1	5	6	4	8	2	3	9
9	6	3	5	2	1	4	8	7

© Alastair Chisholm 2008 and www.indigopuzzles.com

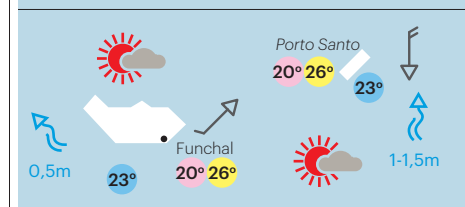
## TEMPO PARA HOJE



### Açores



### Madeira



<b>Sol</b>	Nascente 06h38	Poente 20h47
<b>Lua Cheia</b>	15 Ago. 13h29	

### Marés

	Leixões	Cascais	Faro
Preia-mar	04h31 ▲ 3,5 16h48 ▲ 3,8	04h06 ▲ 3,5 16h25 ▲ 3,8	04h12 ▲ 3,4 16h34 ▲ 3,7
Baixa-mar	10h31 ▼ 0,4 23h05 ▼ 0,3	10h06 ▼ 0,6 22h40 ▼ 0,4	10h02 ▼ 0,4 22h33 ▼ 0,3

Fonte: www.AccuWeather.com

## Crónica da Vanessa



Ana Sá Lopes

ana.sa.lopes@publico.pt

# O meu filho saiu de casa e o mundo acabou

**E**stá a fazer agora dois anos. Foi ao princípio da tarde, eu estava no Parlamento a tentar trabalhar e o meu filho ligou. Ele nunca gostou muito de falar ao telefone. De alguma forma, o meu corpo passou a antecipar notícias chatas: o incêndio na cozinha, uma confusão no aeroporto de Budapeste, etc..

Perguntei “o que é que aconteceu”.

– Mãe, tens que deixar de pensar que quando eu telefono é porque aconteceu alguma coisa má.

Estava tudo ótimo. Ele tinha encontrado uma casa que podia pagar perto do Martim Moniz, três meses depois de fazer 23 anos. Aquilo estava a acontecer e não estava a acontecer. O meu “eu” racional acabou a conversa sem dizer nada errado. Que bom, casa barata, Lisboa está um caos. É normal. Era tudo normal, normalíssimo, saudável, espectacular. Tudo normal menos eu.

Depois as coisas baralham-se naquele mês em que o meu mundo acabou. Não, não é

que o mundo esteja diferente. Simplesmente o mundo que eu conhecia acabou.

No dia em que fomos assinar o contrato de arrendamento, íamos ali na Segunda Circular, eu estava a ter uma conversa articulada (acho) sobre a sede do PCP e de repente parei. Não me lembrava do que estava a dizer, não sabia se era um ataque qualquer. Não era um desmaio, mas uma sensação de desligamento da realidade. Entrei em pânico, consegui disfarçar o pânico. O meu filho não podia saber disso. Era de evitar que num dia importante da sua vida concluísse que tinha uma mãe em alucinação. Essa parte de ter conseguido fingir que não estava a pifar e estava tudo ótimo ainda me orgulha um bocado.

Foi só o princípio. Trabalhei quase todos os dias nesse Agosto de 2017. Entrava no gabinete, ligava o computador, o televisor – e começava a chorar. Os meus colegas entravam e saíam. O V. ria-se à gargalhada, a M. tentava consolar-me, os outros não sabiam o que fazer. Não é normal chegar ao

trabalho e todos os dias levar com aquilo. Os meus colegas levaram. Foram fantásticos.

Os amigos não conseguiam perceber – é capaz de ter sido a única altura da minha vida em que achei que não tinha ninguém com quem falar. Se estava tudo bem, porque é que estava tudo mal? É normal que seja incompreensível. Vá, a minha mãe percebeu.

Foi uma coisa de dissolução da identidade. Tinha sido durante 23 anos mãe provedora e isso, há muito indissociável da minha identidade, tinha acabado. Havia uma data de coisas que a partir daí eu já não faria mais. Comprar bolachas Carr e outras cenas variadas são apenas símbolos menores. Dei por mim a invejar penosamente a minha melhor amiga porque os miúdos vivem ainda lá em casa e ela é mãe provedora. Ao fim de ano e meio, consegui mudar para o quarto maior da casa, que era o dele. Se já passou? Não. Mas está tudo ótimo. Na verdade, bótimo – melhor que bom e melhor que ótimo. (Isto foi o que eu contei à Vanessa só porque ela me perguntou).

## guia do lazer

### GUIMARÃES

L'Agosto

Situado na confluência de músicas do mundo, rock, electrónica e hip-hop, o festival de Verão vimaranense chama aos jardins do Museu de Alberto Sampaio, para a sua terceira edição, Jibóia, Allen Halloween, Scúru Fitchádu, The KVB, The Psychotic Monks, Toy, B Fachada, Sensible Soccers e The Field.

Até 3 de Agosto, às 22h30.  
15€ (dia) e 25€ (passe)



### LISBOA

Noites de Verão

Raw Forest, alter ego de Margarida Magalhães, promete uma “sinestesia de sons e imagens”. Maria Reis, voz e guitarra das Pega Monstro, apresenta *Chove na Sala, Água nos Olhos*, primeiro longa-duração a solo. Oren Ambarchi traz da Austrália música electrónica experimental via *Simian Angel*. E o saxofonista Peter Evans mostra por que razão representa o que de mais

interessante se faz em Nova Iorque no campo do jazz experimental e da improvisação. Os quatro serões no Jardim de Esculturas do MNAC — Museu do Chiado têm curadoria da Filha Única e integram a décima edição do ciclo *Noites de Verão*. De 2 a 23 de Agosto, sexta, às 19h30. Grátis

### SEIA

*Cinema Itinerante*  
O 7.ª Sena — Núcleo Cinéfilo de Seia volta a levar a sétima arte a

lugares remotos da Serra da Estrela. Desta vez, a iniciativa presta homenagem aos 130 anos de Charlie Chaplin. As sessões de cinema ao ar livre começam hoje, às 21h30, no Mirante de Santo Amaro, em Santiago. Nos dias seguintes, sempre à mesma hora, passam por Travancinha (3), Paranhos da Beira (9), Pinhanços (10) e Vasco Esteves de Cima, em Alvoco da Serra (24).  
Grátis

lazer@publico.pt